



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS

**INCLUI O NOVO REGIME FISCAL
DA DÍVIDA PÚBLICA E OS PLANOS
DE POUPANÇA REFORMA**

JULHO • 1989



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS

**INCLUI O NOVO REGIME FISCAL
DA DÍVIDA PÚBLICA E OS PLANOS
DE POUPANÇA REFORMA**

JULHO • 1989

ÍNDICE

	Pág.
• Decreto-Lei 215/89, de 1 de Junho	9
Artigo 1.º — Aprovação e entrada em vigor	9
Artigo 2.º — Regime transitório geral	9
Artigo 3.º — Procedimentos no regime transitório	11
Artigo 4.º — Obrigações emitidas em 1989	12
Artigo 5.º — Obrigações — Imposto sobre as sucessões e doações por avença	12
Artigo 6.º — Crédito fiscal por investimento nos casos da falta ou insu- ficiência de colecta	12
Artigo 7.º — Crédito fiscal por investimento — investimento concluído em 1988 ou iniciado até 31 de Dezembro de 1988 e con- cluído em 1989	13
Artigo 8.º — Crédito fiscal por investimento — investimento iniciado até 31 de Dezembro de 1988 e em curso em 31 de De- zembro de 1989	14
Artigo 9.º — Retenção na fonte em casos de isenção total ou parcial	14
Artigo 10.º — Dispensa da retenção na fonte e retenção a título definitivo	15
Artigo 11.º — Alterações ao Código do IRS	15
Artigo 12.º — Alterações ao Código do IRC	16
Artigo 13.º — Regulamentação do Estatuto	17

ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS

PARTE I

Das disposições gerais

Capítulo I — <i>Princípios Fundamentais</i>	18
Artigo 1.º — Âmbito de aplicação	18
Artigo 2.º — Conceito de benefício fiscal e de despesa fiscal e respec- tivo controlo	18
Artigo 3.º — Desagravamentos fiscais que não são benefícios fiscais	19
Artigo 4.º — Benefícios fiscais automáticos e dependentes de reconhe- cimentos	19
Artigo 5.º — Carácter genérico dos benefícios fiscais; respeito pela livre concorrência	20
Artigo 6.º — Fiscalização	20
Artigo 7.º — Sanções impeditivas, suspensivas ou extintivas estranhas aos benefícios fiscais	20

	Pág.
Artigo 8.º — Declaração pelos interessados da cessação dos pressupostos dos benefícios fiscais	21
Artigo 9.º — Interpretação e integração das lacunas da lei	21
Artigo 10.º — Aplicação no tempo das normas sobre benefícios fiscais	21
Artigo 11.º — Constituição do direito aos benefícios fiscais	22
Artigo 12.º — Extinção dos benefícios fiscais	22
Artigo 13.º — Transmissão dos benefícios fiscais	23
Capítulo II — <i>Do Processo</i>	24
Secção I — Do reconhecimento dos benefícios fiscais	24
Artigo 14.º — O princípio da iniciativa dos interessados	24
Artigo 15.º — Reconhecimento dos benefícios não controlados pela Administração	24
Artigo 16.º — Pedido de reconhecimento autónomo, fiscalização e recursos	25
Secção II — Do processo de consulta prévia	26
Artigo 17.º — Definição e efeitos da consulta prévia	26

PARTE II

Dos benefícios fiscais nos impostos sobre o rendimento

Capítulo I — <i>Do sistema financeiro e mercado de capitais</i>	27
Artigo 18.º — Mais-valias e menos-valias — reinvestimento dos valores de realização	27
Artigo 19.º — Fundos de investimento	28
Artigo 20.º — Fundos de pensões e equiparáveis	29
Artigo 21.º — Fundos de poupança reforma	29
Artigo 22.º — Caixas de crédito agrícola mútuo	30
Artigo 23.º — Sociedades de capital de risco	31
Artigo 24.º — Sociedades de desenvolvimento regional	31
Artigo 25.º — Sociedades de fomento empresarial	31
Artigo 26.º — Sociedades de gestão e investimento imobiliário	31
Artigo 27.º — Bancos de investimento e sociedades de investimento	32
Artigo 28.º — Sociedades financeiras de corretagem	32
Artigo 29.º — Clubes de investidores	32
Artigo 30.º — Empresas de seguros	33
Artigo 31.º — Acções cotadas em bolsa	34
Artigo 32.º — Acções adquiridas no âmbito de privatizações	34
Artigo 33.º — Mais-valias realizadas por entidades não residentes	34
Artigo 34.º — Mais-valias de acções	34

	Pág
Artigo 35.º — Transformação de sociedades por quotas em sociedades anónimas	35
Artigo 36.º — Empréstimos externos e rendas de locação de equipamentos importados	35
Artigo 37.º — Certificados de depósito	35
Artigo 38.º — Conta Poupança-Habitação	36
Artigo 39.º — Conta Poupança-Reformados	36
Artigo 40.º — Conta Poupança-Emigrantes e outras	36
Capítulo II — <i>Das zonas francas</i>	37
Artigo 41.º — Zona franca da Madeira e zona franca da ilha de Santa Maria	37
Capítulo III — <i>Dos outros benefícios</i>	38
Artigo 42.º — Isenção do pessoal das missões diplomáticas e consulares e das organizações estrangeiras ou internacionais	38
Artigo 43.º — Empreiteiros e arrematantes de obras e trabalhos das infra-estruturas comuns NATO	39
Artigo 44.º — Deficientes	39
Artigo 45.º — Propriedade artística e literária	40
Artigo 46.º — Acordos de cooperação	40
Artigo 47.º — Estabelecimentos de ensino particular	41
Artigo 48.º — Colectividades desportivas, de cultura e recreio	41
Artigo 49.º — Partidos políticos	41

PARTE III

Dos benefícios fiscais na contribuição autárquica

Artigo 50.º — Isenções	42
Artigo 51.º — Casas de renda condicionada	44
Artigo 52.º — Prédios urbanos ampliados, melhorados ou adquiridos destinados à habitação	45
Artigo 53.º — Prédios integrados em empreendimentos a que tenha sido atribuída a utilidade turística	47
Artigo 54.º — Prédios adquiridos através do sistema poupança-emigrante	47
Artigo 55.º — Famílias de baixos níveis de rendimento	48
• Tabelas a que se refere a alínea c) do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 215/89	49
Tabela A	49
Tabela B	53

	Pág.
• Normas de aplicação	55
• Decreto-Lei n.º 143-A/89, de 3 de Maio	57
Artigo 1.º — Tributação dos rendimentos da dívida pública emitida entre 1 de Janeiro de 1989 e 3 de Março de 1989	57
Artigo 2.º — Tributação dos rendimentos da dívida pública enviada depois de 3 de Maio de 1989	57
Artigo 3.º — Entrada em vigor	57
• Decreto-Lei n.º 205/89, de 27 de Junho	58
Artigo 1.º — Noção	58
Artigo 2.º — Gestão dos FPR	59
Artigo 3.º — Composição do Fundo	59
Artigo 4.º — Reembolsos dos Certificados	60
Artigo 5.º — Cálculo da unidade de participação	60
Artigo 6.º — Resultados do Fundo	61
Artigo 7.º — Forma de reembolso	61
Artigo 8.º — Regime Fiscal	61
Artigo 9.º — Fiscalidade	62
Artigo 10.º — Contas	62
Artigo 11.º — Legislação aplicável	63

PREÂMBULO

A multiplicidade e dispersão dos benefícios fiscais, abolidos com a entrada em vigor dos novos impostos sobre o rendimento, constituia um dos aspectos mais criticáveis do sistema tributário português, dadas a sua manifesta falta de coerência e as consequências negativas, quer no plano da equidade, quer no da receita cessante e, portanto, no do défice público.

Na revisão dos benefícios fiscais, respeitantes sobretudo aos impostos sobre o rendimento, entendeu o Governo acolher os seguintes princípios:

Estabilidade, de modo a garantir aos contribuintes uma situação clara e segura;

Moderação e selectividade, porque num quadro de redução, ano a ano, do peso do défice público, dar mais benefícios fiscais requer fazer menos investimentos em infraestruturas e serviços públicos fundamentais.

Há três níveis de estabilidade dos benefícios fiscais:

- 1.º Os Códigos dos impostos;*
- 2.º O Estatuto dos Benefícios Fiscais;*
- 3.º O Orçamento do Estado de cada ano.*

*Nessa linha, introduzidos que foram nos Códigos do IRS — Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares, do IRC — Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas e da CA — Contribuição Autárquica os desagravamentos caracterizados por uma máxima permanência e estabilidade, **são incluídos** no Estatuto dos Benefícios Fiscais aqueles que se caracterizam por um carácter menos estrutural, mas que revestem, ainda assim, relativa estabilidade. Os benefícios com finalidades marcadamente conjunturais ou requerendo uma regulação relativamente frequente serão, por sua vez, incluídos nos futuros Orçamentos do Estado.*

É, todavia, possível encontrar alguns pequenos desvios a este modo de inserir os benefícios fiscais em diplomas de diferente estabilidade. Por exemplo, poderá figurar um ou outro benefício fiscal mais transitório no Estatuto dos Benefícios Fiscais, e um ou outro de duração plurianual no Orçamento do Estado de determinado ano.

Decreto-Lei n.º 215/89

de 1 de Julho

No uso da autorização legislativa concedida pela Lei n.º 8/89, de 22 de Abril, e nos termos da alínea *b*) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

(Aprovação e entrada em vigor)

1 — É aprovado o Estatuto dos Benefícios Fiscais anexo ao presente diploma e que dele faz parte integrante.

2 — O Estatuto dos Benefícios Fiscais produz efeitos desde 1 de Janeiro de 1989.

Artigo 2.º

(Regime transitório geral)

1 — São mantidos nos termos em que foram concedidos, com as necessárias adaptações, os benefícios fiscais cujo direito tenha sido adquirido até 31 de Dezembro de 1988, ou aqueles que, tendo sido objecto de decisão em data posterior, forem reportados a 31 de Dezembro

de 1988, nos termos do n.º 5, sendo de observar o seguinte:

- a) Os benefícios fiscais que se traduziam em aumento de custos, designadamente aceleração de reintegrações e amortizações ou em deduções ao lucro tributável, efectivam-se em sede de IRS ou de IRC nos termos da legislação que lhes era aplicável;
- b) Os benefícios fiscais que se traduziam em isenções dos impostos parcelares e do imposto complementar correspondente convertem-se em isenção dos respectivos rendimentos em sede de IRS ou de IRC;
- c) As isenções de imposto de mais-valias convertem-se em exclusão dos respectivos ganhos para apuramento do rendimento ou lucro tributável em IRS ou em IRC;
- d) As isenções de contribuição predial concedidas às entidades referidas no artigo 50.º do Estatuto dos Benefícios Fiscais, anteriormente à data da entrada em vigor do presente diploma, são convertidas em isenções da CA, com as necessárias adaptações;
- e) Os benefícios fiscais não compreendidos nas alíneas anteriores são substituídos por benefícios fiscais equivalentes mediante a aplicação de tabelas de conversão anexas ao Estatuto dos Benefícios Fiscais e que dele fazem parte integrante.

IRS — Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares.

IRC — Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas.

CA — Contribuição Autárquica.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, são direitos adquiridos os benefícios fiscais de fonte internacional e contratual e os benefícios temporários e condicionados, sem prejuízo do disposto nos códigos do IRS, do IRC e da CA.

3 — Para efeitos do disposto no artigo 74.º do Código do IRS e dos artigos 69.º e 75.º do Código do IRC, o regime de tributação aplicável aos juros das obrigações em circulação em 31 de Dezembro de 1988, é o que lhe corresponderia em sede de imposto de capitais nos termos da legislação em vigor à data da sua emissão.

4 — No quadro do regime de equivalências dos benefícios fiscais o disposto no número anterior não prejudica a consideração dos juros aí mencionados, para efeitos de determinação da matéria colectável de IRC, aplicando-se, então, as tabelas de conversão a que se refere a alínea e) do n.º 1.

5 — Os benefícios fiscais requeridos nos serviços competentes até 31 de Dezembro de 1988, cuja decisão se encontre pendente de instrução dos respectivos processos, rege-se pelas disposições ao abrigo das quais foram solicitados, devendo a decisão que sobre eles vier a recair reportar-se a 31 de Dezembro de 1988, para efeitos do disposto no n.º 1.

Artigo 3.º

(Procedimentos no regime transitório)

1 — Para as situações que ocorreram entre 1 de Janeiro de 1989 e a data de entrada em vigor do presente diploma, deverão os interessados, no prazo de 60 dias a contar desta última data, requerer, sendo caso disso, a concessão dos benefícios estabelecidos no Estatuto aprovado por este Decreto-Lei.

2 — No caso de os pedidos de concessão serem apresentados para além do prazo previsto no número anterior, o respectivo benefício iniciar-se-á a partir da data

da apresentação do pedido, cessando, todavia, na data que lhe corresponderia caso o pedido tivesse sido apresentado dentro do referido prazo.

3 — Aos imóveis adquiridos até 31 de Dezembro de 1988 ao abrigo do sistema «Poupança-Emigrante», para os quais não tenha sido requerida a isenção de contribuição predial, poderá esta ainda ser concedida, com efeitos a partir da data do respectivo título aquisitivo, desde que solicitada no prazo de 180 dias a contar da data da entrada em vigor do presente diploma, aplicando-se, a partir de 1 de Janeiro de 1989, o disposto no artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 442-C/88, de 30 de Novembro.

Artigo 4.º

(Obrigações emitidas em 1989)

As obrigações de qualquer tipo, que não sejam de dívida pública, e os títulos de participação e certificados de consignação que venham a ser emitidos durante o ano de 1989, beneficiam da redução de 20% do respectivo rendimento para efeitos de IRS ou de IRC.

Artigo 5.º

(Obrigações — Imposto sobre as sucessões e doações por avença)

Ficam isentas de imposto sobre as sucessões e doações as obrigações emitidas durante os anos de 1989 a 1992, inclusive.

Artigo 6.º

(Crédito fiscal por investimento nos casos de falta ou insuficiência de colecta)

1 — O desconto correspondente ao crédito fiscal por investimento (CFI) estabelecido nos Decretos-Leis

n.ºs 197-C/86, de 18 de Julho, e 161/87, de 6 de Abril, que, por falta ou insuficiência de colecta da Contribuição Industrial ou do Imposto sobre a Indústria Agrícola, não tiver sido efectuado, poderá sê-lo, nos termos previstos naqueles diplomas, à colecta do IRS, de acordo com o disposto nos números seguintes, depois de efectuadas as deduções previstas nos n.ºs 1, 2 e 3 do artigo 80.º do respectivo Código, não podendo da dedução resultar valor negativo.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, a colecta do IRS em que se efectua a dedução será a que resultar da aplicação do coeficiente determinado pela relação entre os rendimentos líquidos das categorias C e ou D e o rendimento líquido total.

3 — A dedução do CFI a que se referem os números anteriores deverá efectuar-se nas condições temporais definidas no n.º 3 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 197-C/86, de 18 de Julho.

4 — O disposto no artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 422-B/88, de 30 de Novembro é igualmente aplicável ao CFI que não tiver sido efectuado por falta ou insuficiência da colecta do imposto sobre a indústria agrícola.

Artigo 7.º

(Crédito fiscal por investimento — investimento concluído em 1988 ou iniciado até 31 de Dezembro de 1988 e concluído em 1989)

1 — Poderão ser deduzidos nos termos previstos nos Decretos-Leis n.ºs 197-C/86, de 18 de Julho, e 161/87, de 6 de Abril, nas colectas do IRS ou do IRC relativas ao período da entrada em funcionamento dos bens, 4% do valor do investimento, contemplado naquela legislação, concluído em 1988 ou iniciado até 31 de Dezembro de 1988 e concluído em 1989.

2 — Para efeitos da aplicação do disposto no número anterior a data da conclusão do investimento será referenciada à data em que esta ocorrer.

3 — Para efeitos da dedução prevista no n.º 1, aplicar-se-á, com as necessárias adaptações, o disposto no artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 442-B/88, de 30 de Novembro, e no artigo 6.º do presente diploma.

Artigo 8.º

(Crédito fiscal por investimento — investimento iniciado até 31 de Dezembro de 1988 e em curso em 31 de Dezembro de 1989)

1 — Poderão ainda ser deduzidos nos termos previstos nos Decretos-Leis n.ºs 197-C/86, de 18 de Julho, e 161/87, de 6 de Abril, nas colectas do IRS ou do IRC relativas ao período da entrada em funcionamento dos bens, 4% do valor das imobilizações em curso em 31 de Dezembro de 1989, relativas a investimentos iniciados até 31 de Dezembro de 1988 e susceptíveis de beneficiar do disposto naquela legislação.

2 — Para efeitos da dedução prevista no número anterior, aplicar-se-á, com as necessárias adaptações, o disposto no artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 442-B/88, de 30 de Novembro, e no artigo 6.º do presente diploma.

Artigo 9.º

(Retenção na fonte em casos de isenção fiscal total ou parcial)

1 — Quando os sujeitos passivos de IRS ou de IRC beneficiem de isenção total ou parcial relativa a rendimentos que seriam sujeitos a retenção na fonte, esta não se efectuará, no todo ou em parte, consoante os casos, feita que seja a prova pelos sujeitos passivos, perante a entidade pagadora, da isenção de que aproveitam.

2 — Quando se trate de isenção parcial de rendimentos das categorias A ou B, definidas no artigo 1.º do Código

do IRS, as retenções na fonte, por conta do respectivo imposto, serão calculadas considerando apenas a parte dos rendimentos que não beneficie de isenção.

Artigo 10.º

(Dispensa de retenção na fonte e retenção a título definitivo)

1 — Não existe a obrigação de efectuar a retenção na fonte de IRC, quando este tenha natureza de imposto por conta, no caso de juros ou quaisquer outros rendimentos de capitais, de que sejam titulares instituições financeiras sujeitas, em relação aos mesmos, a IRC.

2 — Quando nos termos do artigo 9.º do Código do IRC ou nos casos previstos no Estatuto dos Benefícios Fiscais se excluam da isenção de IRC todos ou parte dos rendimentos de capitais, a retenção na fonte far-se-á a título definitivo segundo as taxas que lhes correspondam.

Artigo 11.º

(Alterações ao Código do IRS)

1 — A alínea *c*) do n.º 3 do artigo 2.º do Código do IRS, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 442-A/88, de 30 de Novembro, passa a ter a seguinte redacção:

Art. 2.º

3 —

c) Os benefícios ou regalias auferidos pela prestação ou em razão da prestação do trabalho dependente, com excepção dos abonos de família e das respectivas prestações complementares, na parte que não excedam os limites legais estabelecidos, bem como

dos subsídios de refeição até à concorrência do respectivo limite legal acrescido de 50%.

2 — É aditado o n.º 6 ao artigo 21.º do Código do IRS, com a seguinte redacção:

6 — Sempre que a lei imponha o englobamento de rendimentos isentos, observar-se-á o seguinte:

- a) Os rendimentos isentos serão considerados, sem deduções, para efeitos do disposto no artigo 72.º, sendo caso disso, e para determinação das taxas a aplicar ao restante rendimento colectável;
- b) Para os efeitos da alínea anterior, quando seja de aplicar o disposto no artigo 72.º, o quociente da divisão por 2 ou por 1,85, consoante os casos, dos rendimentos isentos, será imputado proporcionalmente à fracção de rendimento a que corresponde a taxa média e a taxa normal;

3 — As alterações introduzidas pelos números anteriores produzem efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1989.

Artigo 12.º

(Alterações ao Código do IRC)

1 — É eliminado o número 2 do artigo 2.º do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 442-B/88, de 30 de Novembro, passando os seus números 3 e 4 a 2 e 3, respectivamente.

2 — O artigo 8.º do Código do IRC, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 8.º

(Estado, regiões autónomas, autarquias locais, associações de municípios e instituições de segurança social)

Estão isentos de IRC, excepto no que respeita a rendimentos de capitais tal como são definidos para efeitos de IRS:

- 1 — O Estado, as regiões autónomas e as autarquias locais e qualquer dos seus serviços, estabelecimentos e organismos, ainda que personalizados, compreendidos os institutos públicos e bem assim as associações e federações de municípios que não exerçam actividades comerciais, industriais ou agrícolas;
- 2 — As instituições de segurança social e, bem assim, as instituições de previdência referidas no artigo 79.º da Lei n.º 28/84, de 14 de Agosto».

Artigo 13.º

(Regulamentação do Estatuto)

O Governo aprovará as normas regulamentares necessárias à aplicação do Estatuto dos Benefícios Fiscais.

ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS

PARTE I

Das disposições gerais

CAPÍTULO I

Princípios fundamentais

Artigo 1.º

(Âmbito de aplicação)

As disposições da Parte I do presente Estatuto aplicam-se aos benefícios fiscais nele previstos sendo extensivas aos restantes benefícios fiscais, com as necessárias adaptações, sendo caso disso.

Artigo 2.º

(Conceito de benefício fiscal e de despesa fiscal e respectivo controlo)

1 — Consideram-se benefícios fiscais as medidas de carácter excepcional instituídas para tutela de interesses públicos extrafiscais relevantes que sejam superiores aos da própria tributação que impedem.

2 — São benefícios fiscais as isenções, as reduções de taxas, as deduções à matéria colectável e à colecta, as amortizações e reintegrações aceleradas e outras medidas fiscais que obedeçam às características enunciadas no número anterior.

3 — Os benefícios fiscais são considerados despesas fiscais as quais podem ser previstas no Orçamento do Estado ou em documento anexo e, sendo caso disso, nos orçamentos das regiões autónomas e das autarquias locais.

4 — Para efeitos de controlo da despesa fiscal inerente aos benefícios fiscais concedidos, pode ser exigida

aos interessados a declaração dos rendimentos isentos auferidos, salvo tratando-se de benefícios fiscais genéricos e automáticos, casos em que podem os serviços fiscais obter os elementos necessários ao cálculo global do imposto que seria devido.

Artigo 3.º

(Desagravamentos fiscais que não são benefícios fiscais)

1 — Não são benefícios fiscais as situações de não sujeição tributária.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior consideram-se, genericamente, não sujeições tributárias, as medidas fiscais estruturais de carácter normativo que estabeleçam delimitações negativas expressas da incidência.

3 — Sempre que o julgar necessário pode a Administração Fiscal exigir dos interessados os elementos necessários para o cálculo da receita que deixará de cobrar-se por efeito das situações de não sujeição tributária.

Artigo 4.º

(Benefícios fiscais automáticos e dependentes de reconhecimento)

1 — Os benefícios fiscais são automáticos ou dependentes de reconhecimento; os primeiros resultam directa e imediatamente da lei; os segundos pressupõem um ou mais actos posteriores de reconhecimento.

2 — O reconhecimento dos benefícios fiscais pode ter lugar por acto administrativo ou por acordo entre a Administração e os interessados, tendo, em ambos os casos, efeito meramente declarativo, salvo quando a lei dispuser o contrário.

3 — O processo de reconhecimento dos benefícios fiscais regula-se pelo disposto no artigo 14.º e seguintes

do presente Estatuto, quando não seja previsto processo próprio para o efeito.

Artigo 5.º

**(Carácter genérico dos benefícios fiscais;
respeito pela livre concorrência)**

1 — A definição dos pressupostos objectivos e subjectivos dos benefícios fiscais deverá ser feita em termos genéricos e tendo em vista a tutela de interesses públicos relevantes, só se admitindo benefícios de natureza individual por razões excepcionais devidamente justificadas no diploma que os instituir.

2 — A formulação genérica dos benefícios fiscais deve obedecer ao princípio da igualdade de modo a não falsear ou ameaçar falsear a concorrência.

Artigo 6.º

(Fiscalização)

Todas as pessoas, singulares ou colectivas, de direito público ou de direito privado, a quem sejam concedidos benefícios fiscais, automáticos ou dependentes de reconhecimento, ficam sujeitas a fiscalização da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos e das demais entidades competentes, para controlo da verificação dos pressupostos dos benefícios fiscais respectivos e do cumprimento das obrigações impostas aos titulares do direito aos benefícios.

Artigo 7.º

**(Sanções impeditivas, suspensivas ou extintivas
estranhas aos benefícios fiscais)**

Só são permitidas sanções impeditivas, suspensivas ou extintivas de benefícios fiscais com fundamento em infracção fiscal relacionada com o benefício concedido.

Artigo 8.º

(Declaração pelos interessados da cessação dos pressupostos dos benefícios fiscais)

As pessoas titulares do direito aos benefícios fiscais são obrigadas a declarar, no prazo de 30 dias, que cessou a situação de facto ou de direito em que se baseava o benefício, salvo quando essa cessação for de conhecimento officioso.

Artigo 9.º

(Interpretação e integração das lacunas da lei)

As normas que estabeleçam benefícios não são susceptíveis de integração analógica mas admitem interpretação extensiva.

Artigo 10.º

(Aplicação no tempo das normas sobre benefícios fiscais)

1 — As normas que alterem benefícios fiscais convencionais, condicionados ou temporários, não são aplicáveis aos contribuintes que já aproveitem do direito ao benefício fiscal respectivo, em tudo que os prejudique, salvo quando a lei dispuser o contrário.

2 — É aplicável o disposto no número anterior quando o fundamento do benefício fiscal for um regime jurídico de direito comum que limite os direitos do contribuinte, especialmente quando restrinja os poderes de fruição ou de disposição dos seus bens, designadamente nos casos previstos no n.º 2 do artigo 13.º, que revistam essa natureza.

3 — O disposto nos números anteriores não prejudica o estabelecido no artigo 2.º do diploma que aprovou o presente Estatuto.

Artigo 11.º**(Constituição do direito aos benefícios fiscais)**

O direito aos benefícios fiscais deve reportar-se à data da verificação dos respectivos pressupostos, ainda que esteja dependente de reconhecimento declarativo pela Administração Fiscal ou de acordo entre esta e a pessoa beneficiada, salvo quando a lei dispuser de outro modo.

Artigo 12.º**(Extinção dos benefícios fiscais)**

1 — A extinção dos benefícios fiscais tem por consequência a reposição automática da tributação-regra.

2 — Os benefícios fiscais, quando temporários, caducam pelo decurso do prazo por que foram concedidos e, quando condicionados, pela verificação dos pressupostos da respectiva condição resolutiva ou pela inobservância das obrigações impostas, imputável ao beneficiário.

3 — Quando o benefício fiscal respeite à aquisição de bens destinados à directa realização dos fins dos adquirentes ficará sem efeito se aqueles forem alienados ou lhes for dado outro destino sem autorização do Ministro das Finanças, sem prejuízo das restantes sanções ou regimes diferentes estabelecidos por lei.

4 — É proibida a revogação do acto administrativo que concede um benefício fiscal, bem como a rescisão unilateral do respectivo acordo de concessão, ou ainda a diminuição, por acto unilateral da Administração Fiscal, dos direitos adquiridos, salvo se houver inobservância das obrigações impostas, imputável ao beneficiário, ou se o benefício tiver sido indevidamente concedido, caso em que aquele acto poderá ser revogado dentro do prazo legal.

5 — É proibida a renúncia aos benefícios fiscais automáticos e dependentes de reconhecimento oficioso sendo, porém, permitida a renúncia definitiva aos benefícios fiscais dependentes de requerimento do interessado, bem como aos constantes de acordo, desde que aceite pela Administração Fiscal.

Artigo 13.º

(Transmissão dos benefícios fiscais)

1 — O direito aos benefícios fiscais, sem prejuízo do disposto nos números seguintes, é intransmissível «inter vivos», sendo, porém, transmissível «mortis causa» se se verificarem no transmissário os pressupostos do benefício, salvo se este for de natureza estritamente pessoal.

2 — É transmissível «inter vivos» o direito aos benefícios fiscais objectivos que sejam indissociáveis do regime jurídico aplicável a certos bens, designadamente, os que beneficiem os rendimentos de obrigações, títulos de dívida pública e os prédios sujeitos ao regime de renda limitada.

3 — É, igualmente, transmissível «inter vivos», mediante autorização do Ministro das Finanças, o direito aos benefícios fiscais concedidos, por acto ou contrato fiscal, a pessoas singulares ou colectivas desde que no transmissário se verifiquem os pressupostos do benefício e fique assegurada a tutela dos interesses públicos com ele prosseguidos.

CAPÍTULO II

Do Processo

SECÇÃO I

Do reconhecimento dos benefícios fiscais

Artigo 14.º

(O princípio da iniciativa dos interessados)

1 — Salvo disposição em contrário, o reconhecimento dos benefícios fiscais depende de iniciativa dos interessados, mediante:

- a) Cálculo do benefício previsto na lei, efectuado na declaração de rendimentos respectiva;
- b) Requerimento autónomo dirigido especificamente à obtenção do benefício previsto;
- c) Prova da verificação dos pressupostos de reconhecimento nos termos da lei.

2 — O disposto no número anterior não prejudica os direitos resultantes da consulta prévia a que se refere o artigo 17.º

Artigo 15.º

(Reconhecimento dos benefícios não controlados pela Administração)

O reconhecimento dos benefícios fiscais relativamente a situações de que a Administração Fiscal não disponha de elementos para a respectiva tributação depende sempre de requerimento do interessado, acompanhado das declarações de rendimento ou de outras informações a que esteja obrigado e sem prejuízo das sanções em que eventualmente tenha incorrido por ter mantido a Administração na ignorância do facto tributário.

Artigo 16.º**(Pedido de reconhecimento autónomo,
fiscalização e recursos)**

Sem prejuízo do disposto a propósito de cada benefício fiscal aplicar-se-á supletivamente, com as necessárias adaptações, o seguinte:

- a) Os pedidos de reconhecimento dos benefícios fiscais processados autonomamente serão apresentados nos serviços competentes para a liquidação do respectivo imposto a que se refere o benefício e devem ser decididos no prazo máximo de 6 meses, salvo prorrogação fundamentada, sendo instruídos nos termos das normas que os concedem;
- b) Sempre que o reconhecimento do benefício fiscal for da competência do Ministro das Finanças, os serviços referidos na alínea anterior submeterão o processo, devidamente instruído, àquela entidade, no prazo de 60 dias, para decisão, no prazo referido na alínea anterior;
- c) O despacho de deferimento fixará as datas do início e do termo do benefício fiscal;
- d) Os despachos de deferimento ou de indeferimento serão sempre notificados ao requerente, com indicação da susceptibilidade de recurso, respectivo prazo e órgão competente, devendo ser fundamentados;
- e) Do despacho de indeferimento total ou parcial da entidade legalmente competente, cabe recurso hierárquico nos termos gerais, devendo cada entidade proferir os respectivos despachos no prazo de 60 dias;

- f) A Administração Fiscal deve prestar aos interessados todas as informações necessárias ao exercício dos seus direitos e as relativas ao estado do processo, devendo passar as certidões que lhe forem pedidas.

SECÇÃO II

Do processo de consulta prévia

Artigo 17.º

(Definição e efeitos da consulta prévia)

1 — Antes de verificados os pressupostos dos benefícios fiscais previstos na lei, podem os interessados requerer ao Ministro das Finanças ou ao Director-Geral das Contribuições e Impostos, conforme o caso, que se pronunciem sobre uma dada situação tributária ainda não concretizada.

2 — O despacho que recair sobre o requerimento formulado nos termos do número anterior, será notificado ao interessado, vinculando os serviços, que, verificados os factos previstos na lei, não poderão proceder por forma diversa, salvo em cumprimento de decisão judicial.

3 — O despacho a que se refere o número anterior não é susceptível de reclamação ou recurso e não exime os interessados de requerer o reconhecimento do benefício fiscal respectivo, nos termos da lei.

4 — Apresentado o pedido de reconhecimento que tenha sido precedido de processo de consulta prévia, este será apensado, a requerimento do interessado, devendo a entidade com competência para o reconhecimento conformar-se com o anterior despacho, na medida em que a situação hipotética objecto da consulta prévia coincida com a situação de facto objecto do pedido de reconhecimento, sem prejuízo das medidas de controlo do benefício fiscal exigidas por lei.

PARTE II

**Dos benefícios fiscais nos impostos
sobre o rendimento**

CAPÍTULO I

Do sistema financeiro e mercado de capitais

Artigo 18.º

**(Mais-valias e menos-valias — reinvestimento
dos valores de realização)**

1 — O disposto no artigo 44.º do Código do IRC é aplicável, com as limitações indicadas nos números seguintes, não só às mais valias e menos-valias no mesmo mencionadas, mas também às realizações mediante transmissão onerosa de immobilizações financeiras, sempre que o respectivo valor de realização seja reinvestido, total ou parcialmente, no prazo mencionado naquele artigo, na aquisição, fabricação ou construção de elementos do activo immobilizado corpóreo, na aquisição de quotas ou acções de sociedades comerciais ou civis sob forma comercial com sede ou direcção efectiva em território português ou ainda em títulos do Estado Português.

2 — Nos casos de entradas de immobilizações corpóreas ou de immobilizações financeiras para a realização de capital social, o reinvestimento considerar-se-á totalmente efectuado quando o valor das quotas ou acções assim realizadas não for inferior ao valor daquelas entradas.

3 — O disposto ao n.º 1 não é aplicável:

- a) Às mais-valias e menos-valias realizadas relativas a immobilizações financeiras que tenham sido detidas por período inferior a 12 meses, excepto

quanto às que faziam parte do activo da alienante em 31 de Dezembro de 1988;

- b) À aquisição de quotas ou acções próprias;
- c) Sem prejuízo do disposto no n.º 2 às transmissões onerosas de quotas, acções ou outros valores mobiliários efectuadas entre uma sociedade e qualquer dos seus sócios.

4 — Para beneficiar do disposto no n.º 1, as quotas, acções ou títulos do Estado Português objecto do reinvestimento deverão permanecer na titularidade do adquirente até ao fim do segundo período de tributação posterior ao da sua aquisição, aplicando-se, com as necessárias adaptações, o disposto no n.º 5 do artigo 44.º do Código do IRC sempre que se verifique a sua transmissão antes dessa data, salvo em consequência de fusão ou cisão da sociedade participada.

5 — No caso de se ter verificado transformação de sociedades por quotas em sociedades anónimas:

- a) Considera-se data de aquisição das acções para efeitos do disposto na alínea a) do n.º 3 a data de aquisição das quotas que lhes deram origem;
- b) Considera-se que as quotas objecto de reinvestimento permaneceram na titularidade do adquirente pelo prazo referido no n.º 4 quando o prazo de detenção daquelas adicionado ao das acções a que deram origem satisfaça o aludido período.

Artigo 19.º

(Fundos de investimento)

1 — São isentos de IRC os rendimentos dos fundos de investimento mobiliário e imobiliário.

2 — Ficam isentos de derrama os fundos de investimento mobiliário e imobiliário.

Artigo 20.º

(Fundos de pensões e equiparáveis)

1 — São isentos de IRC os rendimentos dos fundos de pensões e equiparáveis, constituídos de acordo com a legislação nacional.

2 — A disciplina do n.º 2 do artigo 38.º do código do IRC é também aplicável quando os beneficiários forem fundos de pensões e equiparáveis, constituídos de acordo com a legislação nacional.

3 — Ficam isentos de derrama os fundos de pensões e equiparáveis.

Artigo 21.º

(Fundos de poupança reforma)

1 — Ficam isentos de IRC os rendimentos dos fundos de poupança reforma (FPR), constituídos num mínimo de 50% por títulos de dívida pública emitidos por prazo superior a um ano, sob a forma de fundos de pensões ou outros equiparados.

2 — A disciplina do n.º 2 do artigo 38.º do código do IRC é também aplicável quando os beneficiários forem fundos de poupança reforma, a que se refere o número anterior.

3 — Para efeitos de IRC é dedutível ao rendimento colectável e até à concorrência deste, o valor aplicado, no respectivo ano, em planos individuais de poupança de reforma (PPR), com o limite máximo do menor dos valores seguintes: 20% do rendimento total bruto englobado e 500 contos.

4 — A usufruição dos benefícios previstos nos números anteriores, ficará sem efeito, sendo devidas as prestações tributárias correspondentes aos benefícios, acrescidas dos respectivos juros compensatórios, se aos participantes for atribuído qualquer rendimento ou for concedido

o reembolso dos certificados, salvo, neste último caso, ocorrendo situações de reforma, desemprego de longa duração, invalidez ou doença grave, conforme definido na lei, ou, atingidos os 60 anos de idade, a subscrição se tiver iniciado há pelo menos cinco anos.

5 — O reembolso dos certificados de FPR, estão sujeitos a IRS, nos seguintes termos:

- a) De acordo com as regras aplicáveis aos rendimentos da categoria H, quando a sua percepção ocorra sob a forma de rendas;
- b) Pela taxa correspondente a $\frac{1}{5}$ do seu valor, em caso de resgate pela totalidade;
- c) De acordo com as regras estabelecidas nas alíneas anteriores quanto à respectiva parte dos rendimentos, nos casos em que se verifique, simultaneamente, as modalidades nelas referidas.

Artigo 22.º

(Caixas de crédito agrícola mútuo)

1 — Os rendimentos das caixas de crédito agrícola mútuo são tributados em IRC às seguintes taxas:

- a) Rendimentos respeitantes ao exercício de 1989 — 12,5%;
- b) Rendimentos respeitantes ao exercício de 1990 — 16%;
- c) Rendimentos respeitantes ao exercício de 1991 — 20%;
- d) Rendimentos respeitantes ao exercício de 1992 — 25%;
- e) Rendimentos respeitantes ao exercício de 1993 — 31%;

Artigo 23.º**(Sociedades de capital de risco)**

1 — As sociedades de capital de risco que venham a constituir-se até 31 de Dezembro de 1990 beneficiam de isenção de IRC no ano da sua constituição e nos 4 anos seguintes, com excepção dos juros de depósito que serão tributados à taxa de 20%.

Artigo 24.º**(Sociedades de desenvolvimento regional)**

Às sociedades de desenvolvimento regional que venham a constituir-se até 31 de Dezembro de 1990, aplica-se, nos mesmos termos, o regime de benefícios fiscais estabelecido para as sociedades de capital de risco.

Artigo 25.º**(Sociedades de fomento empresarial)**

Às sociedades de fomento empresarial que venham a constituir-se até 31 de Dezembro de 1990, aplica-se, nos mesmos termos, o regime de benefícios fiscais estabelecido para as sociedades de capital de risco, mas valendo a isenção do IRC no ano da constituição e nos 7 anos seguintes.

Artigo 26.º**(Sociedades de gestão e investimento imobiliário)**

1 — Às sociedades de gestão e investimento imobiliário que venham a constituir-se até 31 de Dezembro de 1990 e, bem assim, aos respectivos sócios, aplica-se o seguinte regime fiscal:

- a) Tributação em IRC à taxa de 25%;

- b) Elevação ao dobro da dedução prevista no n.º 3 do artigo 80.º do Código do IRS e no artigo 72.º do Código do IRC, relativa à dupla tributação económica de lucros distribuídos por aquelas entidades aos respectivos sócios.

2 — O regime fiscal estabelecido no número anterior manter-se-á por um período de 10 ou 7 anos, consoante as sociedades venham a constituir-se até 31 de Dezembro de 1989 ou 31 de Dezembro de 1990, respectivamente.

Artigo 27.º

(Bancos de investimento e sociedades de investimento)

Os bancos de investimento e as sociedades de investimento beneficiam do disposto no n.º 1 do artigo 45.º do Código de IRC, independentemente da percentagem de participação e do prazo em que esta tenha permanecido na sua titularidade.

Artigo 28.º

(Sociedades financeiras de corretagem)

Às sociedades financeiras de corretagem, relativamente a rendimentos da actividade exercida por conta própria, aplica-se o regime fiscal dos bancos de investimento e das sociedades de investimento.

Artigo 29.º

(Clubes de investidores)

1 — Aos participantes dos clubes de investidores aplica-se a disciplina prevista no artigo 18.º do Código do IRS.

2 — Incumbe ao clube de investidores a entrega ao Estado, até 20 de Janeiro de cada ano, do montante do imposto devido correspondente às mais-valias líquidas de menos-valias realizadas com a transmissão onerosa de valores mobiliários, no exercício anterior, sendo para o efeito de aplicar a taxa prevista no artigo 75.º do Código do IRS.

3 — O disposto no número anterior libera os participantes da obrigação de imposto relativamente àqueles rendimentos, sendo aplicável, com as necessárias adaptações, o disposto no n.º 1, alínea b), e n.ºs 2 e 4 do artigo 114.º do Código do IRS, sempre que o participante opte pelo englobamento.

Artigo 30.º

(Empresas de seguros)

1 — Não é sujeita a tributação em IRC, na parte que tenha influenciado a base tributável, a diferença positiva entre as mais-valias e menos-valias realizadas mediante transmissão onerosa de valores mobiliários, em que tenham sido aplicadas as provisões técnicas de empresas de seguros, sempre que o valor de realização correspondente à totalidade dos referidos elementos seja reinvestido na aquisição de outros valores mobiliários.

2 — No caso de se verificar apenas o reinvestimento parcial do valor de realização, aplicar-se-á, com as necessárias adaptações, o disposto no n.º 2 do artigo 44.º do Código do IRC.

3 — Para efeitos do disposto no n.º 1 deste artigo, o reinvestimento deverá ter lugar no próprio exercício em que se deu a alienação ou nos seis meses seguintes a esta.

4 — O disposto neste artigo é igualmente aplicável aos estabelecimentos estáveis de entidades não residentes que exerçam em Portugal a actividade seguradora.

Artigo 31.º

(Acções cotadas em bolsa)

Os dividendos de acções cotadas em bolsa no ano a que aqueles respeitam, contam apenas por 80% dos seu quantitativo para fins de IRS ou de IRC.

Artigo 32.º

(Acções adquiridas no âmbito de privatizações)

Os dividendos de acções adquiridas na sequência de processo de privatização contam, relativamente aos cinco exercícios encerrados após a data de aquisição, apenas por 60% para fins de IRS ou de IRC.

Artigo 33.º

(Mais-valias realizadas por entidades não residentes)

Ficam isentas de IRS as mais-valias realizadas com a transmissão onerosa de partes sociais e outros valores mobiliários, por entidades que não tenham sede nem direcção efectiva em território português e aí não possuam estabelecimento estável ao qual as mesmas sejam imputáveis.

Artigo 34.º

~~(Empresas de seguros)~~
(Mais-valias de acções)

Ficam isentas de IRS, até ao ano de 1992, inclusive, as mais-valias provenientes da alienação de acções quando detidas pelo seu titular durante mais de 12 meses.

Artigo 35.º**(Transformação de sociedades por quotas
em sociedades anónimas)**

Para efeitos do n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 442-A/88, de 30 de Novembro, da alínea c) do n.º 2 do artigo 10.º do Código do IRC e do artigo 34.º deste Estatuto, considera-se que a data de aquisição de acções resultantes da transformação de sociedades por quotas em sociedades anónimas é a data da aquisição das quotas que lhes deram origem.

Artigo 36.º**(Empréstimos externos e rendas de locação
de equipamentos importados)**

O Ministro das Finanças pode, a requerimento e com base em parecer fundamentado da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, conceder isenção total ou parcial de IRS ou de IRC, relativamente a juros de capitais provenientes do estrangeiro, representativos de empréstimos e rendas de locação de equipamentos importados, de que sejam devedores o Estado, as regiões autónomas, as autarquias locais e as suas federações ou uniões, ou qualquer dos seus serviços, estabelecimentos e organismos, ainda que personalizados, compreendidos os institutos públicos, e as empresas que prestem serviços públicos desde que os credores tenham a residência, sede ou direcção efectiva no estrangeiro.

Artigo 37.º**(Certificados de depósito)**

Aos rendimentos dos certificados de depósito aplica-se o regime fiscal dos rendimentos dos depósitos a prazo.

Artigo 38.º**(Conta Poupança-Habitação)**

1 — Beneficiam de isenção de IRS os juros das contas poupança-habitação, constituídas nos termos legais e que se destinem a financiar a compra, construção ou obras em habitação própria permanente.

2 — Nos casos em que o saldo da conta a que se refere o número anterior seja utilizado para outros fins que não os ali referidos, serão devidas as prestações tributárias correspondentes ao benefício, acrescidas dos juros compensatórios relativos ao retardamento da respectiva liquidação, observando-se para o efeito o que se prescreve no código do IRS para a liquidação e cobrança.

Artigo 39.º**(Conta Poupança-Reformados)**

Beneficiam de isenção de IRS os juros das «contas poupança-reformados», constituídas nos termos legais, na parte cujo saldo não ultrapasse os 1 500 000\$00.

Artigo 40.º**(Conta Poupança-Emigrantes e Outras)**

A taxa do IRS, incidente sobre os juros de depósitos a prazo produzidos por «contas poupança-emigrantes», «conta de emigrante em moeda estrangeira» e «contas acessíveis a residentes», neste último caso desde que tenham sido ou venham a ser alimentadas com fluxos monetários provenientes do exterior, devidamente comprovados, é de 37,5% da taxa a que se refere a alínea *a*) do n.º 1 do artigo 74.º do Código do IRS.

CAPÍTULO II

Das zonas francas

Artigo 41.º

(Zona franca da Madeira e zona franca da ilha de Santa Maria)

1 — As entidades que participem na constituição do capital social de empresas a instalar na zona franca da Madeira e zona franca da ilha de Santa Maria aproveitam, com dispensa de qualquer formalidade, de isenção de IRS ou de IRC relativamente aos rendimentos provenientes de juros e outras formas de remuneração de suprimentos, abonos ou adiantamentos de capital feitos pelos sócios à sociedade, aos lucros atribuídos aos sócios por essas sociedades e, bem assim, aos resultantes dos juros e outras formas de remuneração devidos pelo facto de os sócios não levantarem os lucros ou remunerações colocados à sua disposição.

2 — As entidades instaladas nas zonas francas beneficiam de isenção de IRS ou de IRC até 31 de Dezembro de 2011, relativamente aos rendimentos derivados do exercício de actividade desenvolvida nessas zonas.

3 — São isentos de IRC os juros de empréstimos contraídos por entidades instaladas nas zonas francas junto de instituições financeiras, desde que o produto desses empréstimos se destine à realização de investimentos e ao seu normal funcionamento na correspondente zona franca.

4 — São isentos de IRS ou de IRC os rendimentos resultantes da concessão ou cedência temporária de patentes de invenção, licenças de exploração, modelos de utilidade, desenhos e modelos industriais, marcas, nomes e insígnias de estabelecimentos, processos de fabrico ou conservação de produtos e direitos análogos, bem como os derivados de assistência técnica e pela

prestação de informações respeitantes a uma experiência no sector industrial, comercial ou científico, desde que respeitantes à actividade desenvolvida pelas empresas nas zonas francas.

5 — Aos novos investimentos directos estrangeiros que se destinem à instalação de novas empresas nas zonas francas será aplicado o regime de benefícios fiscais constante dos números anteriores.

6 — São isentos de IRS ou de IRC os rendimentos pagos por entidades instaladas nas zonas francas, a utentes dos seus serviços desde que não residentes em território português.

7 — O regime fiscal previsto nos n.ºs 1 a 4, salvo a data indicada no n.º 2 que será 31 de Dezembro de 2017, será aplicado à empresa concessionária da exploração da zona franca, aos respectivos sócios ou titulares e aos actos e operações por ela praticados conexos com o seu objecto.

CAPÍTULO III

Dos outros benefícios

Artigo 42.º

(Isenção do pessoal das missões diplomáticas e consulares e das organizações estrangeiras ou internacionais)

1 — Ficam isentos de IRS, nos termos do direito internacional aplicável ou desde que haja reciprocidade:

- a) O pessoal das missões diplomáticas e consulares, quanto às remunerações auferidas nessa qualidade;
- b) O pessoal ao serviço de organizações estrangeiras ou internacionais, quanto às remunerações auferidas nessa qualidade.

2 — O disposto no número anterior não prejudica o englobamento dos rendimentos isentos, para efeitos do disposto no artigo 72.º do Código do IRS e determinação da taxa aplicável ao restante rendimento colectável.

3 — O reconhecimento relativo ao preenchimento dos requisitos de isenção, quando necessário, é da competência do Ministro das Finanças.

Artigo 43.º

(Empreiteiros e arrematantes de obras e trabalhos das infra-estruturas comuns NATO)

1 — Ficam isentos de IRS os empreiteiros ou arrematantes, nacionais ou estrangeiros, relativamente aos lucros derivados de obras ou trabalhos das infra-estruturas comuns NATO, a realizar em território português, nos termos do Decreto-Lei n.º 41 561, de 17 de Março de 1958.

2 — O disposto no número anterior não prejudica o englobamento dos rendimentos isentos, para efeitos do disposto no artigo 72.º do Código do IRS e determinação da taxa aplicável ao restante rendimento colectável.

Artigo 44.º

(Deficientes)

1 — Ficam isentos de tributação em IRS, 50% dos rendimentos das categorias A e B, do cônjuge casado e não separado judicialmente de pessoas e bens, quando deficiente, ou do sujeito passivo deficiente quando solteiro, viúvo, divorciado ou separado judicialmente de pessoas e bens, ou, no caso de casado e separado de facto, quando exerça a opção prevista no n.º 2 do artigo 59.º, do Código do IRS.

2 — Para apuramento do rendimento colectável em IRS abater-se-á, nos termos do artigo 55.º do respectivo Código, a totalidade das despesas efectuadas com a educação e reabilitação do sujeito passivo ou dependente deficientes, bem como a totalidade dos prémios de seguros em que aquele figure como primeiro beneficiário, sem prejuízo da aplicação dos limites estabelecidos nos n.ºs 2 e 3 do referido artigo às restantes despesas aí mencionadas.

3 — Às contas cujos titulares sejam deficientes é aplicável o regime fiscal da «conta poupança-reformados».

4 — Para efeitos do disposto neste artigo considera-se deficiente aquele que apresente um grau de invalidez permanente, devidamente comprovado pela entidade competente, igual ou superior a 60%.

Artigo 45.º

(Propriedade artística e literária)

Os rendimentos provenientes da propriedade intelectual, quando auferidos por pintores, escultores ou escritores, residentes em território português, desde que sejam o titular originário, serão considerados no englobamento para efeitos de IRS apenas por 50% do seu valor.

Artigo 46.º

(Acordos de cooperação)

Ficam isentas de IRS as pessoas deslocadas no estrangeiro ao abrigo de acordos de cooperação, relativamente aos rendimentos auferidos no âmbito do respectivo acordo.

Artigo 47.º

(Estabelecimentos de ensino particular)

Os rendimentos dos estabelecimentos de ensino particular integrados no sistema educativo, ficam sujeitos a tributação em IRC à taxa de 20%.

Artigo 48.º

(Colectividades desportivas, de cultura e recreio)

Ficam isentos de IRC os rendimentos das colectividades desportistas, de cultura e recreio, abrangidas pelo artigo 10.º do Código do IRC, desde que a totalidade dos seus rendimentos brutos sujeitos a tributação e não isentos nos termos do mesmo Código, não exceda o montante de 800 contos.

Artigo 49.º

(Partido políticos)

Ficam isentos de IRC, os partidos políticos, sem prejuízo do disposto ao n.º 1 do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 595/74, de 7 de Novembro.

PARTE III

Dos benefícios fiscais na contribuição autárquica

Artigo 50.º

(Isenções)

1 — Estão isentos de CA:

- a) Os Estados estrangeiros, quanto aos prédios destinados às respectivas representações diplomáticas ou consulares, quando haja reciprocidade;
- b) As instituições de segurança social e bem assim as instituições de previdência referidas no artigo 79.º da Lei n.º 28/84, de 14 de Agosto, quanto aos prédios ou partes de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- c) As associações ou organizações de qualquer religião ou culto às quais seja reconhecida personalidade jurídica, quanto aos templos ou edifícios exclusivamente destinados ao culto, ou à realização de fins não económicos com este directamente relacionados;
- d) Os partidos políticos, as associações sindicais e as associações de agricultores, de comerciantes, de industriais e de profissionais independentes, quanto aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- e) As pessoas colectivas de utilidade pública administrativa e as de mera utilidade pública, em relação aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- f) As instituições particulares de solidariedade social e as pessoas colectivas a elas legalmente equiparadas, em relação aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização

dos seus fins, salvo no que respeita às Misericórdias, caso em que o benefício abrange quaisquer imóveis de que sejam proprietárias;

- g) As entidades licenciadas ou que venham a ser licenciadas para operar no âmbito institucional da Zona Franca da Madeira e da Zona Franca da ilha de Santa Maria, relativamente aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- h) Os estabelecimentos de ensino particular integrados no sistema educativo, quanto aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- i) As associações desportivas e as associações juvenis legalmente constituídas, em relação aos prédios ou parte de prédios destinados directamente à realização dos seus fins;
- j) Os prédios ou parte de prédios cedidos gratuitamente pelos respectivos proprietários ou usufrutuários a entidades públicas não sujeitas a CA enumeradas no artigo 9.º, do respectivo código, ou a entidades referidas nas alíneas anteriores, para o prosseguimento directo dos respectivos fins.

2 — As isenções a que se refere o número anterior iniciam-se:

- a) Nas situações previstas nas alíneas a) a i), no ano, inclusive, em que o prédio ou parte do prédio for destinado aos fins nelas referidos ou, no caso das Misericórdias, a partir do ano, inclusive, em que se constitua o seu direito de propriedade;
- b) No caso previsto na alínea j), no ano, inclusive, em que se verificar a cedência.

3 — A isenção a que se refere a alínea *a*) do n.º 1 será reconhecida por despacho do Ministro das Finanças a requerimento das entidades interessadas.

4 — Nos restantes casos previstos neste artigo, a isenção será reconhecida pelo Director-Geral das Contribuições e Impostos, a requerimento devidamente documentado que deverá ser apresentado pelos sujeitos passivos, na repartição de finanças da área da situação do prédio, no prazo de 90 dias contados da verificação do facto determinante da isenção, salvo quanto às Misericórdias caso em que o direito à isenção será reconhecido officiosamente sempre que se verifique inscrição na matriz em seu nome.

5 — Nas situações abrangidas pela primeira parte do número anterior, se o pedido for apresentado para além do prazo referido, a isenção iniciar-se-á a partir do ano imediato, inclusive, ao da sua apresentação.

6 — Os benefícios constantes das alíneas *b*) a *j*) do n.º 1, cessam logo que deixem de verificar-se os pressupostos que os determinaram, devendo os proprietários ou usufrutuários dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do artigo 14.º do Código da CA.

Artigo 51.º

(Casas de renda condicionada)

1 — Os prédios ou parte de prédios arrendados em regime de renda condicionada, estão isentos da CA por um período de 15 anos, contados a partir da celebração do primeiro contrato de arrendamento no referido regime.

2 — A isenção a que se refere o número anterior abrange os arrumos, dispensas e garagens, ainda que fisicamente separados mas integrando o mesmo edifício ou conjunto habitacional, desde que utilizados exclusivamente pelo sujeito passivo ou seu agregado familiar como complemento da habitação isenta.

3 — O disposto no n.º 1 não se aplica aos prédios ou parte de prédios obrigatoriamente sujeitos ao citado regime por força do artigo 7.º da Lei n.º 46/85, de 20 de Setembro, salvo, quanto aos abrangidos pela alínea *d*) do n.º 2 do mesmo artigo os quais beneficiam de isenção nos 10 anos subsequentes à celebração do primeiro contrato de arrendamento.

4 — Nos casos previstos neste artigo, a isenção será reconhecida pelo chefe da repartição de finanças da área da situação do prédio, em requerimento devidamente documentado que deverá ser apresentado pelos sujeitos passivos no prazo de 90 dias contados da verificação do facto determinante da isenção.

5 — Nas situações abrangidas pelo número anterior, se o pedido for apresentado para além do prazo referido, a isenção iniciar-se-á a partir do ano imediato, inclusive, ao da sua apresentação, cessando todavia, no ano em que findaria caso o pedido tivesse sido apresentado em tempo.

6 — Os benefícios fiscais a que se refere este artigo, cessam logo que deixem de verificar-se os pressupostos que os determinaram, devendo os proprietários ou os usufrutuários dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do artigo 14.º do Código da CA.

Artigo 52.º

(Prédios urbanos ampliados, melhorados ou adquiridos destinados à habitação)

1 — Ficam isentos nos termos da tabela a que se refere o n.º 5, os prédios ou partes de prédios urbanos habitacionais, ampliados, melhorados ou adquiridos destinados à habitação própria permanente e sejam efectivamente afectos a tal fim, no prazo de seis meses após a aquisição ou conclusão da ampliação ou dos melhoramentos, salvo por motivo não imputável ao beneficiário.

2 — É aplicável à isenção prevista no número anterior o disposto no n.º 2 do artigo 51.º

3 — Ficam igualmente isentos nos termos da Tabela a que se refere o n.º 5 os prédios ou parte de prédios construídos de novo, ampliados ou melhorados, na parte destinada a arrendamento para habitação, desde que reunidas as condições referidas na parte final do n.º 1.

4 — Tratando-se de prédios ampliados ou melhorados nos casos previstos nos n.ºs 1 e 3, a isenção aproveitará apenas ao valor tributável correspondente ao acréscimo resultante das ampliações ou melhoramentos efectuados, tendo em conta para a determinação dos respectivos limite e período de isenção a totalidade do valor tributável do prédio, após o aumento derivado de tais ampliações ou melhoramentos.

5 — Para efeitos do disposto nos n.ºs 1 e 3 o período de isenção a conceder será o determinado em conformidade com a tabela seguinte:

Valor tributável (Em contos)	Período de isenção (anos)	
	Habituação própria e permanente (n.º 1)	Arrendamento para habitação (n.º 3)
Até 5 000	10	10
5 000 a 7 500	10	8
7 500 a 10 000	10	6
10 000 a 12 500	7	4
12 500 a 15 000	4	2

6 — Para efeitos de concessão e cessação da isenção aplicam-se os n.ºs 4, 5 e 6 do artigo 51.º, com as necessárias adaptações.

Artigo 53.º

(Prédios integrados em empreendimentos a que tenha sido atribuída a utilidade turística)

1 — Ficam isentos de CA por um período de 7 anos os prédios integrados em empreendimentos a que tenha sido atribuída a utilidade turística.

2 — Os prédios integrados em empreendimentos a que tenha sido atribuída a utilidade turística a título prévio, beneficiarão da isenção prevista no número anterior a partir da data da atribuição da utilidade turística, desde que tenha sido observado o prazo fixado para a abertura ou reabertura ao público do empreendimento ou para o termo das obras.

3 — Os prédios urbanos afectos ao turismo de habitação beneficiam de isenção de CA por um período de 7 anos, contados a partir do termo das respectivas obras.

4 — Em todos os aspectos que não estejam regulados neste artigo, ou no Código da CA, aplicar-se-á, com as necessárias adaptações, o disposto no Decreto-Lei n.º 423/83, de 5 de Dezembro.

Artigo 54.º

(Prédios adquiridos através do sistema poupança-emigrante)

1 — Ficam isentos de CA os imóveis adquiridos, no todo ou em parte, através do sistema «poupança-emigrante», por um período de 5 anos contados do ano da aquisição, inclusive.

2 — A isenção prevista no número anterior será reconhecida pelo chefe de repartição de finanças, com base nos elementos recebidos ao abrigo da alínea *a*) do artigo 144.º do Código da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações.

Artigo 55.º

(Famílias de baixos níveis de rendimentos)

Ficam isentos de CA os prédios rústicos ou urbanos pertencentes a sujeitos passivos cujo rendimento bruto total do agregado familiar englobado para efeitos de IRS não seja superior ao dobro do salário mínimo nacional mais elevado.

Tabelas a que se refere a alínea e) do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 215/89

TABELA A

Coeficientes de conversão Benefícios Fiscais — Transição para o IRC			
	Sujeição a ICB	Redução de taxa ICB	Isenção de ICB
Contribuição Industrial			
Isenção	80%	$80\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa	$80\% \times \text{coef. red.}$	coef. red.	$10\% + 90\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	$10\% \times \text{coef. red.}$	10%
Contribuição Predial			
Isenção:			
Urbana	40%	$40\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	60%
Rústica	30%	$30\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	50%
Redução de taxa:			
Urbana	$40\% \times \text{coef. red.}$	coef. red.	$15\% + 45\% \times \text{coef. red.}$
Rústica	$30\% \times \text{coef. red.}$	coef. red.	$15\% + 35\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição:			
Urbana	—	$10\% \times \text{coef. red.}$	10%
Rústica	—	$10\% \times \text{coef. red.}$	10%
Imposto de Capitais Secção A			
Isenção	70%	$70\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	90%
Redução de taxa	$70\% \times \text{coef. red.}$	$30\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	$15\% + 75\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	$10\% \times \text{coef. red.}$	10%

ICB — Imposto complementar - Secção B.
coef. red. - coeficiente de redução.

SUJEIÇÃO A CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

(Continuação)

Coeficientes de conversão Benefícios Fiscais — Transição para o IRC			
	Sujeição a ICH	Redução de taxa ICB	Isenção de ICB
Imposto de Capitais Secção B			
Isenção:			
Taxa 12%	30%	25% + 20% × coef. red.	45%
Taxa 15%	35%	35% + 20% × coef. red.	50%
Taxa 30%	65%	70% + 20% × coef. red.	90%
Redução:			
Taxa 12%	30% × coef. red.	20% + 10% × coef. red.	30% + 10% × coef. red.
Taxa 15%	35% × coef. red.	20% + 15% × coef. red.	30% + 15% × coef. red.
Taxa 30%	70% × coef. red.	30% + 20% × coef. red.	40% + 20% × coef. red.
Sujeição:			
Taxa 12%	—	10% × coef. red.	10%
Taxa 15%	—	10% × coef. red.	10%
Taxa 30%	—	10% × coef. red.	10%
Indústria Agrícola			
Isenção	50%	50% + 50% × coef. red.	—
Redução de taxa	50% × coef. red.	coef. red.	45% + 55% × coef. red.
Sujeição	—	45% × coef. red.	45%

SUEIÇÃO A CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

(Continuação)

Benefícios Fiscais — Transição para o IRC				
Coeficientes de conversão		Sujeição a ICB	Redução de taxa ICB	Isenção de ICB
Contribuição Predial				
Isenção:				
Urbana	85%	85% + 15% × coef. red.	Isenção IRC	
Rústica	80%	80% + 20% × coef. red.	Isenção IRC	
Redução:				
Urbana	85% × coef. red.	coef. red.	10% + 90% × coef. red.	
Rústica	80% × coef. red.	coef. red.	15% + 85% × coef. red.	
Sujeição:				
Urbana	—	10% × coef. red.	10%	
Rústica	—	10% × coef. red.	15%	
Imposto de Capitais A				
Isenção	90%	90% + 10% × coef. red.	Isenção IRC	
Redução	90% × coef. red.	Coef. red.	5% + 95% × coef. red.	
Sujeição	—	5% × coef. red.	5%	
Imposto de Capitais B				
Isenção:				
Taxa 12%	80%	80% + 20% × coef. red.	Isenção IRC	
Taxa 15%	85%	85% + 15% × coef. red.	Isenção IRC	
Taxa 30%	90%	90% + 10% × coef. red.	Isenção IRC	

NÃO SUJEIÇÃO A CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

(Continuação)

Coeficientes de conversão Benefícios Fiscais — Transição para o IRC			
	Isenção a ICB	Redução de taxa ICB	Isenção a ICB
Imposto de Capitais B (Cont.)			
Redução:			
Taxa 12%	80% × coef. red.	Coef. red.	20% + 80% × coef. red.
Taxa 15%	85% × coef. red.	Coef. red.	15% + 85% × coef. red.
Taxa 30%	90% × coef. red.	Coef. red.	5% + 80% × coef. red.
Sujeição:			
Taxa 12%	—	20% × coef. red.	20%
Taxa 15%	—	15% × coef. red.	15%
Taxa 30%	—	5% × coef. red.	5%

NÃO SUJEIÇÃO A CONT. INDUSTRIAL

TABELA B

Coeficientes de conversão Benefícios Fiscais — Transição para o IRC			
	Sujeição a ICB	Redução de taxa ICB	Isenção de ICB
Contribuição Industrial			
Isenção	75%	$75\% + 15\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa	$75\% \times \text{coef. red.}$	coef. red.	$20\% + 80\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	$20\% \times \text{coef. red.}$	20%
Contribuição Predial			
Isenção:			
Urbana	70%	$70\% + 30\% \times \text{coef. red.}$	—
Rústica	65%	$65\% + 35\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa:			
Urbana	$70\% \times \text{coef. red.}$	Coef. red.	$25\% + 75\% \times \text{coef. red.}$
Rústica	$65\% \times \text{coef. red.}$	Coef. red.	$30\% + 70\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição:			
Urbana	—	$25\% \times \text{coef. red.}$	25%
Rústica	—	$30\% \times \text{coef. red.}$	30%
Imposto de Capitais Secção A			
Isenção	80%	$80\% + 20\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa	$80\% \times \text{coef. red.}$	coef. red.	$15\% + 85\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	$15\% \times \text{coef. red.}$	15%

(Continuação)

Coeficientes de conversão Benefícios Fiscais -- Transição para o IRC			
	Sujeição a ICB	Redução de taxa ICB	Isenção de ICB
Imposto de Capitais Secção B			
Isenção	65%	$65\% + 35\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa	$65\% \times \text{coef. red.}$	$30\% \times \text{coef. red.}$	$30\% + 70\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	—	30%
Indústria Agrícola			
Isenção	60%	$60\% + 40\% \times \text{coef. red.}$	—
Redução de taxa	$60\% \times \text{coef. red.}$	Coef. red. $40\% \times \text{coef. red.}$	$40\% + 60\% \times \text{coef. red.}$
Sujeição	—	—	40%

Normas de aplicação das tabelas A e B

1 — Os coeficientes de conversão definidos nas tabelas A e B aplicam-se aos rendimentos objecto de desagravamento fiscal cujo direito tenha sido adquirido até 31 de Dezembro de 1988, designadamente, os benefícios de fonte internacional e contratual e os benefícios temporários e condicionados.

2 — O coeficiente de conversão a aplicar aos rendimentos objecto de desagravamento fiscal é o que se obtém na correspondente tabela da situação desses rendimentos (transição para o IRS ou IRC) pela intersecção do respectivo imposto parcelar com o imposto complementar.

3 — A conversão de benefícios fiscais no âmbito do IRS será efectuada mediante:

- a) Dedução ao rendimento líquido total do produto resultante do coeficiente de conversão pelo rendimento líquido desagravado, no caso do seu englobamento obrigatório ou facultativo;
- b) Tributação a taxa reduzida correspondente à diferença entre a taxa aplicável e a que resulta do produto desta pelo coeficiente de conversão, no caso de rendimentos sujeitos a taxas liberatórias referidas no artigo 74.º do Código do IRS, quando não englobados.

4 — A conversão de benefícios fiscais no âmbito do IRC será obtida mediante crédito do imposto correspondente ao produto da taxa aplicável pela matéria colectável objecto de desagravamento fiscal e pelo coeficiente de conversão.

5 — O crédito de imposto referido no número anterior será deduzido à colecta do IRC nos termos da alínea *d*) do n.º 2 do artigo 71.º do respectivo código.

6 — Para efeitos de aplicação das tabelas A e B, o coeficiente de redução (coef. red.) é a percentagem de

redução da taxa anteriormente aplicada, consoante os casos, em sede dos impostos parcelares.

7 — As retenções na fonte de rendimentos desagravados referidos na alínea *b*) do artigo 74.º do Código do IRS devem ser efectuadas pela taxa reduzida prevista na alínea *b*) do n.º 3 das presentes normas sem prejuízo do disposto no artigo 4.º do Decreto-Lei n.º .../89.

Decreto-Lei n.º 143-A/89**de 3 de Maio**

No uso da autorização legislativa concedida pela alínea *s*) do artigo 4.º da Lei n.º 8/89, de 22 de Abril, e nos termos da alínea *b*) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

ARTIGO 1.º

Aos rendimentos da dívida pública interna emitida entre 1 de Janeiro de 1989 e a data da publicação do presente diploma aplica-se a taxa de tributação que resulta do n.º 5 do artigo 3.º da Lei n.º 8/89, de 22 de Abril, como se aquela dívida tivesse sido emitida até 31 de Dezembro de 1988.

ARTIGO 2.º

Os rendimentos da dívida pública interna que venha a ser emitida após a publicação do presente diploma contam apenas por 80% para fins de IRS e de IRC.

ARTIGO 3.º

O presente diploma entra em vigor no dia imediato ao da sua publicação.

Decreto-Lei n.º 205/89

de 27 de Junho

Nos termos da alínea *b*) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

(Noção)

1 — Os «Planos Poupança Reforma» (PPR) são constituídos por certificados nominativos de um fundo de poupança reforma (FPR), que terá a forma de fundo de investimento, de fundo de pensões ou outros equiparados.

2 — Os certificados de FPR podem ser subscritos por pessoas singulares ou por pessoas colectivas a favor e em nome dos seus trabalhadores.

3 — Os certificados de FPR podem representar diversas unidades de participação do FPR, inteiras ou fraccionadas, as quais podem ser ou não desmaterializadas.

4 — São enquadráveis no regime dos PPR os seguros individuais de poupança reforma e outros congéneres, desde que cumpram os requisitos estabelecidos no presente diploma, as respectivas reservas matemáticas evidenciam a observância do disposto no artigo 3.º e aditem à respectiva denominação a sigla PPR.

Artigo 2.º**(gestão dos FPR)**

1 — São competentes para gerir os FPR as seguintes entidades:

- a) Sociedades gestoras de fundos de investimento, autorizadas nos termos do Decreto-Lei n.º 229-C/88, de 4 de Julho;
- b) Sociedades gestoras de fundos de pensões, autorizadas nos termos do Decreto-Lei n.º 396/86, de 25 de Novembro;
- c) Companhias de seguros que explorem legalmente em Portugal o ramo vida.

2 — Cada entidade gestora poderá gerir um ou mais FPR.

Artigo 3.º**(Composição do Fundo)**

1 — As regras a que deve obedecer a composição do património do fundo são as aplicáveis aos fundos de investimento ou aos fundos de pensões ou às reservas matemáticas dos seguros de vida, conforme os casos, com a ressalva do disposto no número seguinte.

2 — Em relação ao património do fundo deverão ser observadas as seguintes relações:

- a) No mínimo de 2%, deverá o FPR ser constituído por numerário, depósitos bancários, bilhetes do Tesouro ou aplicações nos mercados interbancários;
- b) No mínimo de 50%, será o FPR constituído por títulos de dívida pública emitidos por prazo superior a 1 ano;
- c) No máximo de 20%, poderá o FPR ser constituído por documentos representativos de empréstimos hipotecários.

Artigo 4.º**(Reembolso dos certificados)**

1 — Os participantes só podem exigir o reembolso do valor capitalizado dos certificados, nos seguintes eventos:

- a) Reforma;
- b) Desemprego de longa duração;
- c) Invalidez;
- d) Doença grave;
- e) A partir dos 60 anos de idade, desde que a subscrição se tenha iniciado há pelo menos 5 anos.

2 — No caso de morte do participante o reembolso será exigido pelos herdeiros.

3 — Serão estabelecidos por portaria conjunta dos Ministros das Finanças e do Emprego e da Segurança Social a descrição objectiva dos eventos referidos nas alíneas b), c) e d) do n.º 1 acima, bem como da sua confirmação, a adoptar pelo participante e pela entidade gestora, nos casos de pedido de reembolso.

Artigo 5.º**(Cálculo da unidade de participação)**

O valor da unidade de participação é calculado pelo menos uma vez por mês, em dias a fixar no regulamento de gestão.

Artigo 6.º**(Resultados do fundo)**

Os resultados obtidos pelos FPR são objecto de capitalização.

Artigo 7.º

(Forma de reembolso)

1 — Nos casos previstos no artigo 4.º os participantes, ou os seus herdeiros, poderão optar por:

- a) Reembolso da totalidade ou de parte dos certificados de forma periódica ou não;
- b) Pensão vitalícia mensal;
- c) Qualquer composição das duas modalidades anteriores.

2 — As modalidades previstas nas alíneas b) e c) do n.º 1 deverão ser aprovadas pelo Instituto de Seguros de Portugal.

Artigo 8.º

(Regime fiscal)

1 — Os rendimentos dos FPR ficam isentos de IRC.

2 — A disciplina do número 2 do artigo 38.º do Código do IRC é também aplicável quando os beneficiários forem fundos de poupança reforma.

3 — Para efeitos de IRS é dedutível ao rendimento colectável e até à concorrência deste, o valor aplicado no respectivo ano em PPR, com o limite máximo do menor dos valores seguintes: 20% do rendimento total bruto englobado e 500 contos.

4 — O reembolso dos certificados de FPR estão sujeitos a IRS nos seguintes termos:

- a) De acordo com as regras aplicáveis aos rendimentos da categoria H do Código do IRS, quando a sua percepção ocorra sob a forma de rendas;
- b) Pela taxa correspondente a $\frac{1}{5}$ do seu valor, em caso de resgate pela totalidade;

- c) De acordo com as regras estabelecidas nas alíneas anteriores quanto à respectiva parte dos rendimentos, nos casos em que se verifique, simultaneamente, as modalidades nelas referidas.

Artigo 9.º

(Fiscalização)

Os FPR e as respectivas entidades gestoras ficarão sujeitas à fiscalização do Banco de Portugal ou do Instituto de Seguros de Portugal, consoante a sua natureza.

Artigo 10.º

(Contas)

1 — A entidade gestora deverá publicar com periodicidade mensal, no boletim de uma das bolsas de valores, a composição discriminada dos valores que integram o património do fundo, e do número de unidades de participação em circulação.

2 — A contabilidade dos fundos é organizada de harmonia com as normas e instruções emitidas pelo Banco de Portugal e pelo Instituto de Seguros de Portugal.

Artigo 11.º

(Legislação aplicável)

Aplica-se aos PPR e FPR a legislação dos fundos de investimento, ou fundos de pensões ou actividade seguradora, conforme os casos, com as especificidades referidas neste diploma.

COMPOSTO, IMPRESSO E BROCHADO
CENTRO DE EDIÇÕES E ARTES GRÁFICAS
DIRECÇÃO-GERAL DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
RUA ALMEIDA BRANDÃO 13-A — 1200 LISBOA

DEPÓSITO LEGAL 24 384/88
ISBN 972-9244-06-5

5000 EXEMPLARES. JULHO/89

• DOCUMENTOS DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS •

ISBN 972-9244-06-5